

Resenha de “A Tabela Periódica” de Primo Levi (1919-1987)

Rogério Duarte Fernandes dos Passos

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), rfdospassos@gmail.com

RESUMO

Resenha da obra “A Tabela Periódica”, de Primo Levi, químico e escritor italiano que compartilha experiências de vida, especialmente as vivenciadas na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Palavras Chave: Primo Levi; Romance filosófico; Filosofia da química

Data do recebimento do artigo: 27/02/2023

Data do aceite de publicação: 30/05/2023

Data da publicação: 30/06/2023

REVIEW OF "THE PERIODIC TABLE" BY PRIMO LEVI (1919-1987)

ABSTRACT

Review of “The Periodic Table”, by Primo Levi, an Italian chemist and writer who shares life experiences, especially those experienced during World War II (1939-1945).

Key Words: Primo Levi.; Philosophical novel; Philosophy chemistry

1 SOBRE PRIMO LEVI E A OBRA *resenhada*

Primo Levi (1919-1987) brinda o leitor em um texto singular neste “A Tabela Periódica”, com tradução para a Língua Portuguesa de Luiz Sérgio Henriques.

Nascido e falecido em Turim, Primo Levi, membro da comunidade judaica, trouxe uma trajetória na qual ser químico foi o maior dos papéis de sua vida. Sim, homem da química, da história, da filosofia da química, da indústria, do laboratório, da Itália, da Europa e do mundo. *Un uomo de Dio*, ainda que a tragédia que viveu face ao preconceito e à irracionalidade, lhe tenha incutido o adágio que “em Auschwitz não pode haver Deus”, tamanho o momento de provação, sofrimento e brutalidade cujo ápice se materializa na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Pelas palavras, Primo Levi eco como um ser humano e um coração. E a vazão maior de si mesmo foi no laboratório de química, onde empregou sensibilidades, conhecimentos e empirismo “intuitivo”. Entrementes, como poderia compartilhar todos os aprendizados obtidos? Para responder essa questão e resolvê-la dentro de si mesmo, assumiu o viés de escritor, pragmaticamente “titulando” os capítulos desta obra com os nomes de elementos químicos, em um ínterim de vivência que transita entre as combinações dos mais diferentes recursos, desde a alquimia e mitologia, até à contemplação da realidade, ficção e descrição de distintas anfractuosidades.

O autor, entretanto, não se mostra uma pessoa amargurada ou ácida. A experiência é para ele algo que vai muito além do laboratório e dos elementos que substanciam o próprio ser humano. E como não poderia deixar de ser – especialmente face ao seu compromisso enquanto escritor –, se une em essência ao tempo vivido e do próprio porvir, colimando os testemunhos que retratam cicatrizes profundas do corpo e alma. Nas tintas

que utiliza para adornar seus quadros, os átomos de sua vida não poderiam deixar de ser os átomos de tudo o que está ao redor.

Em seu processo criativo, ao modo do romancista Miguel de Cervantes (1547-1616), Primo Levi reitera que tudo é vida. Até mesmo o inorgânico é parte da realidade, em momentos nos quais a memória se torna o único recurso que ainda se dispõe para concretizar tal material e repositório. Nesse aspecto, para além da prosa, o relato de Levi alcança contornos de micro história, mesmo que a ficção desenvolvida em parte do texto fale de um reino “imaginário” ou digno da corrente filosófica do absurdismo; afinal: absurdas as leis raciais discriminatórias aos judeus e execráveis as imagens do conflito mundial, será absurda a vida que tentou alocar-se como máquina de destruição em massa e em tentativa de extermínio da fonte criadora de tudo – insubstituível no universo –, que não pode ser outra coisa senão o amor.

Observe-se que na busca da unidade pelo conhecimento, Levi reconhece que a trajetória humana se compõe de diferentes saberes, práticas e ritos, mesmo que o seu caminho, inexoravelmente, se perfizesse pela química. Justifica-se o autor afirmando não ter dúvidas quanto a seu destino – ainda no íterim de atividades indefinidas no futuro próximo –, sendo ele, contudo, apto a revelar que a vida e o caminho para o Monte Sinai não prescindem de livros, indiscrições e arrebatamentos pela ciência para além da escola (LEVI, 2001, p. 28).

A guerra, a guerrilha, a bomba, o mito, o conto, a liberdade, a fábula, a tristeza, o amor – e claro, o fogo da vida –, são para Primo Levi, “objetos químicos”, e nessa percepção, os elementos da tabela periódica não poderão jamais enfileirar-se no *numerus clausus*: do contrário, não haveria expansão, reações e transformações, que, em última razão, não são menos que buscas e conseguintes revelações empíricas e laboratoriais capazes de alcançar todos os seres humanos. Enfim, todos terão que escolher seus destinos, na decodificação de um julgamento ético universal, que a partir do próprio entendimento de cada um, responderá quem somos e, em evolução, para onde iremos, mesmo que, por ora, estejamos imersos na matéria. Nas palavras de Primo Levi:

“(…) Eu pensava numa outra moral, mais terrena e concreta, e creio que todo químico militante poderá confirmá-la: que é preciso desconfiar do quase-igual (o sódio é quase igual ao potássio: mas com o sódio não teria acontecido nada), do praticamente idêntico, do mais ou menos, do “ou seja”, de todos os sucedâneos e de todos os remendos. As diferenças podem ser pequenas e levar a conseqüências radicalmente divergentes, como

as agulhas das linhas de ferro; em boa medida, o ofício do químico consiste em defender-se destas diferenças, conhecê-las de perto, prever-lhes os efeitos. Não só o ofício do químico” (LEVI, 2001, p. 65).

O desejo de unidade de todas as coisas e seres esboçado por Levi vai além dos laços humanos ou fraternos, visto que nenhuma matéria se perde no universo: afinal, o átomo que está em mim, estará em outro corpo, em coisa distinta ou em outro ser; pode já ter-se feito presente em outro corpo ou objeto, mas ele é o mesmo, embora o ser seja outro. Em quantos corpos o átomo esteve? Do contrário, o átomo, então, é parte do ser, uno e indivisível de Parmênides de Eleia (ca. 530 a.C.-460 a.C.), que não pode ser o não ser, visto que o não ser, não é... Ou o átomo, singelamente é, ou simplesmente está nos seres, como enunciaram Leucipo de Abdera (Século V a.C.) e Demócrito de Abdera (ca. 460 a.C.-370 a.C.), perfilando a composição de tudo o que existe? Poderia, pois, haver outro trânsito ou “trâmite” na imensidão para o átomo? Eis que o átomo de outrora poderia estar em Primo Levi agora, ou em permanente deslocamento pelo espaço, ora revelando o exercício de uma ciência positiva, ora, meramente, desvelando a perspectiva modestamente intuitiva.

Primo Levi gosta do diálogo químico e filosófico, exaltando o elemento carbono à condição de mestre da matéria, mormente ser igualmente inevitável a lembrança da lição dialética de Heráclito de Éfeso (ca. 500 a.C.-450 a.C), concebendo o mundo como algo em que tudo flui e nada permanece, no aforismo fundamental de “ninguém se banhar duas vezes no mesmo rio”; este “tudo” de Heráclito – também cognominado na filosofia como “o obscuro” –, ao mesmo tempo é e não é, pois, quem mergulha pela segunda vez no rio, não o é o mesmo que da primeira, e as águas correntes que banham aqui o mergulhador, em movimento, nunca serão as mesmas. No cotejo das reflexões, a leitura volta a invocar o retorno ao pensamento de Parmênides, que admite a mudança, apesar de conceber a essência que não se altera, mantendo-se a mesma ao longo da existência, pois, embora seja possível visualizar as mudanças, o ser permaneceria. Especialmente de volta ao ensinamento parmenidiano, é possível supor que a essência de tudo, para Primo Levi, fosse o carbono? Qual seria, de fato, para Levi, o papel do carbono nessas relações de essência, permanência e existência?

Ao final, Primo Levi oferece uma entrevista ao afamado escritor norte-americano Philip Roth (1933-2018), que não lhe revela totalmente o estado da alma, especialmente por conta da morte do autor ser cogitada como suicídio. Contudo, nossas vibrações estarão

sempre com Levi, da mesma forma que o amor por ele expresso pela via da palavra escrita, estarão conosco.

AGRADECIMENTO

Nosso agradecimento ao professor Jeferson Oliveira, um dos expoentes do ensino de química da Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado (ETECAP), do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), em Campinas, São Paulo, por não apenas compartilhar o livro de Primo Levi, mas igualmente por nos esclarecer e comentar várias passagens importantes do texto.

2 Referência

LEVI, P. A Tabela Periódica. **Romance**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Inclui entrevista de Primo Levi ao escritor Philip Roth. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, 258 p.